

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 3 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-666-9 DOI 10.22533/at.ed.669192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte. No 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade e no 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - FORMAÇÃO CONTINUADA

CAPÍTULO 1	1
DESAFIOS DA GESTÃO ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL	
Edilma de Jesus Louzeiro Cruz	
Erisvan Sales Oliveira	
Raimunda Nonata da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.6691927091	
CAPÍTULO 2	11
A EXPRESSIVIDADE DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO - DESAFIOS DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE	
Regina Zanella Penteadó	
DOI 10.22533/at.ed.6691927092	
CAPÍTULO 3	24
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES DURANTE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO	
Ana Luiza Sobrinha Silva Souza	
Emília Karla de Araújo Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.6691927093	
CAPÍTULO 4	36
A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E À MODA DA POLÍTICA IDENTITÁRIA	
Emanuel Oliveira da Costa	
Emelinne Bezerra Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.6691927094	
CAPÍTULO 5	43
APROXIMAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS NATURAIS E AS CIÊNCIAS HUMANAS BASEADAS NA BNCC: O LUGAR DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA ESCOLA	
Roberta Dall Agnese da Costa	
Ana Cláudia Reis de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6691927095	
CAPÍTULO 6	54
AS CONCEPÇÕES FORMATIVAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO ESTADO DO CEARÁ	
Consolação Linhares de Carvalho Coelho	
Antonia de Abreu Sousa	
Amarílio Gonçalves Coelho Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.6691927096	

CAPÍTULO 7 64

ASPECTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE:
EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA ENFERMAGEM

Antonia de Fátima Zanchetta Serradilha
Elza de Fátima Ribeiro Higa
Dircelene Jussara Sperandio
Marli Terezinha Casamassimo Duarte
Vera Lucia Pamplona Tonete

DOI 10.22533/at.ed.6691927097

CAPÍTULO 8 77

CONTRIBUIÇÕES DA REVISTA EDUCITEC PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
NO AMAZONAS

Wagner Gomes de Oliveira
Carolina Menandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6691927098

CAPÍTULO 9 88

“CRISE DA DOCÊNCIA” E SEUS REFLEXOS NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Izaque Pereira de Souza
Teresa Kazuko Teruya
Wellington Junior Jorge

DOI 10.22533/at.ed.6691927099

CAPÍTULO 10 98

DA TEORIA À PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS EM UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Anderson Moisés Barbosa Souza Chagas

DOI 10.22533/at.ed.66919270910

CAPÍTULO 11 105

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA: A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO
CONTINUADOS DOS PROFESSORES

Ludimar Pegoraro
Arã Paraguassu Ribeiro
Rodrigo Regert
Kleber Prado Filho
Patrícia de Deus e Silva
Rosana Rachinski D`Agostini
Marissol Aparecida Zamboni
Fátima Noely da Silva
Eliane Baldo Fantinel
Marcelo Ricardo Colaço

DOI 10.22533/at.ed.66919270911

CAPÍTULO 12 117

É POSSÍVEL DESENVOLVER COMPETÊNCIAS E HABILIDADES POR MEIO DE PRÁTICAS LÚDICAS? RELATO DE EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO DISCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Lucila Ludmila Paula Gutierrez
Alexsandro Ferreira Guimarães
Camila Silva Martins
Ana Gabriela Pericolo Nunes
Ana Paula Oliveira Barbosa
Paula Pillar Pinto
Marilene Porawski

DOI 10.22533/at.ed.66919270912

CAPÍTULO 13 125

FORMAÇÃO ACADÊMICA: RECONSTRUÇÃO, RESSIGNIFICAÇÃO OU RESGATE?

Juliana Alvares Duarte Bonini Campos

DOI 10.22533/at.ed.66919270913

CAPÍTULO 14 133

HORA-ATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TEMPO/ESPAÇO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Jessica Rautenberg
Rita Buzzi Rausch

DOI 10.22533/at.ed.66919270914

CAPÍTULO 15 141

O ALIMENTO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: DIÁLOGOS ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE, DISCENTE E COMUNIDADE

Terezinha Camargo Pompeo Vinha.
Marcia Reami Pechula

DOI 10.22533/at.ed.66919270915

CAPÍTULO 16 148

O DEBATE ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Cintya Roberta Oliveira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66919270916

CAPÍTULO 17 157

O PARFOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS BRASILEIRAS

Raul da Silveira Santos
Francisco Pereira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.66919270917

CAPÍTULO 18 168

O PROJETO INTEGRADOR COMO INSTRUMENTO DE EFETIVAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DO IFPA

Robson de Sousa Feitosa
Vanderlei Antonio Stefanuto
Soraya Farias Aquino
Alessandra Ribeiro Duarte

DOI 10.22533/at.ed.66919270918

CAPÍTULO 19	181
OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES HUMANISTAS PARA A FORMAÇÃO DO JURISTA	
Pedro Henrique Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.66919270919	
CAPÍTULO 20	188
WORKSHOP DE ENSINO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Fernanda Klein Marcondes	
Lais Tono Cardozo	
Kelly Cristina Gavião Luchi	
DOI 10.22533/at.ed.66919270920	
PARTE 2 - EDUCAÇÃO E ARTE	
CAPÍTULO 21	195
(DESCONSTRUINDO) ESTEREÓTIPOS: NARRATIVAS EM TORNO DO ENSINO DA ARTE	
Mikael Miziescki	
Marcelo Feldhaus	
DOI 10.22533/at.ed.66919270921	
CAPÍTULO 22	207
10 EDIÇÕES DO <i>ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP</i> : O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PUBLICAÇÕES GERADAS PELAS COMUNICAÇÕES ORAIS	
Paulo Roberto Prado Constantino	
DOI 10.22533/at.ed.66919270922	
CAPÍTULO 23	215
EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: O MATERIAL DIDÁTICO DE ACORDO COM OS PROFESSORES DE ARTE	
Aline Raquel Costa de Oliveira	
Cassiano de Almeida Barros	
Andreia Miranda Moraes do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.66919270923	
CAPÍTULO 24	223
ENSINO DE ARTES: FRONTEIRAS ENTRE CURRÍCULO E PESQUISA DOCENTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
Deise Marins Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.66919270924	
CAPÍTULO 25	234
MÚSICA E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA	
José Carlos Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.66919270925	

CAPÍTULO 26	243
O MATERIAL DIDÁTICO PARA BANDAS DE MÚSICA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE USO Fernando Vieira da Cruz DOI 10.22533/at.ed.66919270926	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E À MODA DA POLÍTICA IDENTITÁRIA

Emanuel Oliveira da Costa

UFPE

Recife – PE

Emelinne Bezerra Tavares

UFPE

Recife – PE

RESUMO: Este pequeno trabalho, propõe em suas consecutivas linhas, e com uma só penada, abordar o paradigma pós-moderno como motor do discurso maior na universidade pública brasileira, revelando como a política de classes foi substituída pela política identitária; raça, sexualidade, mulher, ambientalismo, gênero, etc, tendo como base de apoio ideológico o programa estruturalista. Nesse sentido, discutiremos como o paradigma pós-moderno/moda nega qualquer projeto de emancipação e abordagem crítica à exploração de classes, propondo lutas variadas e fragmentadas, ou seja, tendo como fundamento a micropolítica.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Universidade, Identidade, Classe social.

THE BRAZILIAN PUBLIC UNIVERSITY AND THE FASHION OF THE IDENTITY POLITIC

ABSTRACT: This little work, proposes in its consecutive lines, and with one fell swoop,

approach the postmodern paradigm as the driving force of higher discourse at the Brazilian public university, revealing how the class politics was replaced by identity politics: race, sexuality, woman, environmentalism, gender, etc, based on ideological support the structuralist program. In this sense, we will discuss how the postmodern/fashion paradigm denies any project of emancipation and critical approach the exploitation of classes, proposing varied and fragmented struggles, that is, based on micropolitics.

KEYWORDS: Postmodernity; University; Identity; Social Class.

INTRODUÇÃO

As políticas de identidade tem conquistado vasto terreno na universidade pública, esse fenômeno resulta da presença maciça das ideologias do programa pós-moderno, implantado nas últimas décadas do século XX, pelo grande capital. Esse paradigma é responsável por dirigir o discurso acadêmico maior, colocando suas pautas de base: gênero, raça, sexualidade, ambientalismo, mulher, etc, negando ou desconsiderando a velha política de classes de Marx, ou seja, o conceito de classe social. A análise científica tem sido substituída por um exagero de olhares sobre o

objeto. Nesse sentido, trabalha-se com a ideia de pós-verdade, onde cada sujeito ver no objeto o que quer ver, não existe verdade, o que existe são verdades, a depender do olhar de quem olha. Fica evidente a pobreza no qual o debate na maioria das vezes acontece, pois não se faz um mergulho nas entranhas da realidade, pairando-se apenas no olhar superficial. O debate pós-moderno limita-se apenas a aparência, fazendo com que a ambiência acadêmica torne-se metafórica e insuportável, porque niilista, porque hedonista. As metáforas nada mais são segundo Santos (2009) que flashes isolados, não se dando em sistemas, sendo assim impossibilitadas de fornecer teorização. Todo um discurso da negação e desconstrução, ainda herdado de Nietzsche, que escondia atrás das metáforas seu pensamento totalmente reacionário, descortinado com a análise de Losurdo, que assim coloca:

A trágica grandeza do filósofo, o fascínio e a extraordinária riqueza de um autor capaz de pensar a história inteira do ocidente e de colocar-se bem além da atualidade, sobre o terreno da “longa duração”, tudo isto emerge plenamente só se, renunciando a remover ou a transfigurar em um inocente jogo de metáforas as páginas mais inquietantes ou mais repugnantes, ousamos olhar de frente para aquilo que realmente é: o maior pensador entre os reacionários e o maior reacionário entre os pensadores (Losurdo, 2016, p. 83).

Os olhares pós-modernos, acabam camuflando a realidade, pois estão sempre a confundir essência com aparência, desconstruindo e negando tudo exageradamente. Suas construções metafóricas e sistemas simbólicos como representação da realidade, tiveram por base ideológica; o terreno do estruturalismo.

ESTRUTURALISMO: AMBIENTE FÉRTIL PARA OS PÓS-MODERNOS

O paradigma pós-moderno, reflete ainda com mais vigor as produções teóricas iniciadas pelo estruturalismo. Trata-se de uma forte rejeição aos três principais eixos da filosofia clássica herdados pelo marxismo: Razão dialética, historicismo concreto e pensamento humanista do mundo. Autores estruturalistas e pós-estruturalistas como: Lévi-Strauss, Michael Foucault, Althusser, Barthes, Wittgenstein, Ernest Cassier etc, quando apresentavam a estrutura simbólica para explicar a realidade, deixavam aparecer a verdadeira política escamoteada pela práxis manipulatória. Nesse caminho desenvolveu-se um ataque a conceitos centrais da filosofia marxista, como: razão dialética, pensamento emancipacionista, classe social, historicismo concreto, a começar pelo desmanche do homem. Na antropologia a diluição do homem é atizada por Lévi- Strauss no *Pensamento Selvagem*:

Aceitamos, pois, o qualitativo de esteta, por acreditar que o objetivo último das ciências humanas não é construir o homem mas dissolvê-lo. (Lévi-Strauss, 2017, p. 275).

Depois disso, os estruturalistas defendem que toda parte de um sistema simbólico não tem significação quando separado da estrutura que a regula. Fica claro com essa ideia, a manipulação do conteúdo pela forma. É quando o olhar,

a observação, faz com que a aparência se confunda com a essência. Chegando-se até mesmo a duvidar da diferença entre ambas. Todo um modo de pensar que foi se desenvolvendo na Antropologia estrutural de Lévi-Strauss, que considera a realidade social um sistema de símbolos e para torna-la inteligível é preciso um método próprio, encontrado na linguagem moderna. A estrutura é a semiologia geral. Esse pensamento entende que os fatos conscientes nada mais são que fenômenos de superfície e a essência ou estrutura feita por fatos inconscientes. Como o geral compreende a estrutura, os fatos tendem a caminhar do especial para o geral, ou seja, do consciente para o inconsciente.

É ainda na sua estrutura inconsciente que Lévi-Strauss vai eliminar toda contradição interna da realidade social. Toda uma abordagem à moda do pensar positivista, que procura abandonar o exame da origem dos fenômenos em favor da explicação de suas leis imutáveis de manifestação. Assim em “Le cru et Le cuit” coloca Lévi-Strauss (1967, p. 14, *apud* COLTINHO, 2012, P. 54), “ Quando uma contradição aparece, isso é prova de que a análise não foi levada suficientemente longe e que certas características distintivas passaram despercebidas”.

Louis Althusser também em suas análises estruturalistas sobre o marxismo, destacou o poder da estrutura sobre seus efeitos, defendendo que o real em sua totalidade concreta teria sido superada por uma estrutura abstrata ou invisível, sendo essa mesma estrutura, um produto da consciência e não um fato externo a ela. A respeito, comenta Coutinho (2012): as categorias de Althusser vão revelando sua natureza estruturalista, quando define o modo de produção do pensamento. Althusser deixa claro que- como Lévi-Strauss ou Foucault- parte de uma fetichização do intelecto manipulador.

O que o programa estruturalista tenta fazer em seus postulados é matar o homem. É eliminar a humanidade do homem, acabar com sua racionalidade, seu modo de pensar crítico. Eliminando toda filosofia emancipatória e razão dialética. Essa é a política do estruturalismo, sua verdadeira práxis de manipulação. O programa estruturalista vai ser o carro chefe de pensadores que virão depois, influenciados e simpáticos às teorias e propostas de desmanche do homem. Um exemplo é o escritor Michael Foucault, que em “As Palavras e as coisas” escreveu:

O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia do nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo [...] se estas disposições viessem a desaparecer [...] se desvanecessem, com o solo do pensamento clássico- então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia. (Foucault, 2002, p. 536).

Assim Foucault vai buscar em sua Arqueologia do saber elementos manipulatórios que não só eliminem o homem, mas a própria história. Em sua episteme, Foucault deixa claro que seu principal objetivo é libertar o homem do humanismo negando a história como processo concreto de construção do homem a partir de suas relações de trabalho e modo de produção. Assim afirma Foucault:

O ser humano não tem mais história; ou antes, porque fala, trabalha e vive, acha-se ele em seu ser próprio, todo embricado em histórias que não lhe são nem subordinados nem homogêneos [...] o homem que aparece no começo do século XIX é desistoricizado. (Foucault, 2002, p. 510).

Perceba-se que nessa concepção idealista da história, que apenas considera categorias isoladas, em cada período da própria história, o que Foucault busca fazer é explicar a práxis pela ideia e não as formulações ideológicas pela práxis concreta, pisando no solo da própria história como fez Marx:

Todas as formas e todos os produtos da consciência não podem ser resolvidos por forças da crítica espiritual [intelectual], pela redução à “consciência de si” ou pela transformação em “fantasmas”, “obsessões”, “visões”, etc. – mas só podem ser dissolvidos pela derrubada prática das relações reais das quais brotam essas tapeações idealistas; não é a crítica, mas a revolução, a força motriz da história, assim como da religião, da filosofia e de qualquer outro tipo de teoria. Tal concepção mostra que a história não acaba se resolvendo na “consciência de si”, como “espírito do espírito” mas que, em cada uma de suas fases, encontra-se um resultado material, uma reunião de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos, que cada geração transmite à geração seguinte; uma massa de forças produtivas, de capitais e de condições que, embora sendo em parte modificada pela nova geração, prescreve a esta suas próprias condições de existência e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter particular. (Karl Marx, 2005, p. 65).

Nessa mesma atmosfera idealista do pensar, também pousaram pensadores como Derrida com a ideia de desconstrução, Gilles Deleuze, Félix Guattari, etc. Assegurando eles que, a realidade nada mais é do que um jogo irracional, onde, apenas as regras podem ser entendidas, e não a origem e a finalidade, ou seja, a negação completa do historicismo concreto e da teleologia. Teleologia essa, própria do homem, pois só o homem é portador de finalidade.

Nesse sentido o homem aparece apenas como uma peça do jogo/realidade, sem princípio nem fim, ideia muito semelhante à de Martin Heidegger em suas discussões filosóficas sobre a técnica e a ontologia. Heidegger vai afirmar que o homem é um ser para a morte, fazendo uma separação entre o homem e o meio como bem destacou Coutinho:

Heidegger, finalmente partindo da fenomenologia, criaria a ontologia [...] segundo ele, o indivíduo e o mundo não formam uma síntese orgânica, mas são entidades antagônicas; o homem está lançado numa cotidianidade que deve superar se não quer viver no reino da inautenticidade, que é para ele o mundo da comunidade social. [...] É precisamente por limitar o mundo econômico-social a essa imediatividade cotidiana que Heidegger considera-o inautêntico, ontologicamente “alienado”. (Heidegger, 2010, p. 49).

Em seus fundamentos, subjetividade e sentido despreza qualquer mediação do histórico, que nesse caso ele confunde com dominação técnica. Assim Heidegger procura esconder a incidência das ações sobre as técnicas, aja vista que a técnica é apenas matéria, já as ações sobre elas é acima de tudo política. Assim no filosofar de Heidegger, que filosofava sobre tudo, encontramos:

A essência da técnica repousa na armação. Seu imperar pertence ao destino.

Porque o destino leva toda vez o homem a um caminho de desabrigar, este permanece a caminho sempre à margem da possibilidade de apenas perseguir e perpetuar o que o desabriga no que é requerido e a partir dali tomar todas as medidas. (Heidegger, 2007, p. 389).

Toda essa abordagem de cunho estruturalista e idealista filosófica serviu como sustentáculo teórico para as ideologias pós-modernas, que vão se desenvolver em um novo contexto. Contexto esse que começa com o sangramento do regime de acumulação fordista, revelando-se numa crise do capital totalmente estrutural. Em reação a crise, teve começo uma nova ofensiva do próprio capital, na tentativa de recuperar o estágio da acumulação de antes. Todo esse movimento de ofensiva vai se cristalizar em um novo padrão acumulativo, contrário ao modelo fordista. Entrará em cena o modelo flexível, que se consolidará na reestruturação de produção, piorando ainda mais à precarização das condições do trabalho, atacando as leis trabalhistas e enfraquecendo o poder sindical, tudo isso em benefício do novo processo de flexibilização e desregulamentação da produção, transformações essas que deram suporte material ao projeto neoliberal. Nesse contexto de crise do capital é que o capitalismo levantará sua ofensiva ideológica e cultural através de uma nova abordagem: a visão pós-moderna do mundo.

Fica claro que o paradigma pós-moderno é um contraponto ideológico a crise da modernidade, expressando-se em várias áreas do saber, como nas artes; no âmbito da cultura em geral incluindo a filosofia e a ciência, revelando desse modo uma nova conjuntura sócio-histórica. Esse pensamento rejeita toda tentativa totalizante de conhecimento ou abordagem, bem como todo programa societário que se contradite ao capital. Alimentando discussões não mais alicerçadas nas metanarrativas, mas em temas que priorizem as diferenças, a fragmentação, essa sendo tanto do homem como do mundo. Assim esclarece Duriguetto:

No âmbito da teoria social, o termo pós-moderno diz respeito às teses que sustentam a crise dos programas nas ciências sociais e a necessidade de uma nova produção de conhecimento, agora não mais centrada nas metanarrativas, mas na atenção às diferenças, ao efêmero, ao fragmentado [...] primeiramente o alvo da crítica pós-moderna é a Razão moderna. A ideia de que a realidade é um complexo e contraditório, mas passível de ser apreendido racionalmente, problematizada e transformada é duramente criticada. (Duriguetto, 2009, p. 3).

Perceba-se que essa cosmovisão, defende ser impossível a apreensão da realidade aproximando-se muito do agnosticismo de Hume e Kant, como doutrina idealista e reacionária criada no século XVII, pregando que o mundo é incognoscível. Nesse viés, trabalha-se partes, fragmentos da totalidade, defendendo-se com isso que só as formas isoladas podem ser explicadas. Nesse caminho há uma tendência muito forte, a semiologização da realidade, pois como não se trabalha mais com o conceito de verdade, mas sim de “verdades” e essas verdades ficam a critério dos valores e sabores de cada um, todo engajamento de projeto universal, ou política de emancipação é tornada ultrapassada. Aqui o conceito de classe social, bem como o pensamento humanista, vai cedendo lugar a lutas menores e relações de

micropoder. Campo farto para o desenvolvimento de teorias como a “microfísica do poder” de Foucault, que discute as relações de poder em escala mínima, sem abordar os conflitos internacionais das guerras imperialistas. Ainda para Duriguetto:

É nesta postura de ação política que está presente as análises pós- modernas. No lugar dos sujeitos, organizações e lutas políticas universais, como classes, partido e luta de classes, a crítica política pós-moderna defende a protagonização dos grupos particulares como de mulheres, homossexuais, minorias étnicas, que lutariam contra as diversas formas de poder e opressão presentes na vida cotidiana e dispersas por toda a sociedade civil. (Duriguetto, 2009, p. 4).

Para os pós-modernos, a grande crítica em busca da inovação e a substituição da política de classe pelas políticas de identidade, é resultado do fracasso da “social democracia e das experiências do socialismo real”. A partir desses eventos, novas posturas intelectuais e práticas culturais foram se desenvolvendo no campo político, sobretudo a partir de 1970 com o chamado pós-marxismo. Nesse sentido a análise materialista histórica da sociedade foi abandonada, junto com o proletariado como aparelho de luta. O que entra em voga nesse novo projeto, são as identificações alicerçadas nas variedades culturais, ou seja, as formas de políticas são fundamentadas em diferenças de identidade, na pluralidade dos diferentes sujeitos. Com isso, os conceitos de revolução e emancipação foram substituídos pela transgressão, por teorias da micropolítica, que desencadeiam lutas menores sem unidade de engajamento, sem centro e sem coordenação.

PALAVRAS FINAIS

Em linhas gerais, conclui-se que a universidade pública brasileira tem sido palco das políticas pós-modernas ou de “identidade” nas últimas décadas. Todo um conjunto de ideologias produzidas pela nova política de acumulação flexível ou modelo neoliberal. Esse paradigma é responsável por comandar o discurso maior nas universidades, levantando suas bandeiras fragmentadas de lutas. Colocando suas pautas de base, ou melhor, sem base, já que essas lutas variam ao olhar e aos sabores de cada um, conforme seus interesses. Desse modo, a velha política de classes de Marx e Engels, e toda filosofia de emancipação, foi substituída pelas lutas menores (micropolíticas); gênero, sexualidade, mulher (feminismo burguês), ambientalismo, raça, etc, que a todo tempo, defende a diluição do homem e do mundo em sua totalidade concreta. Ao mesmo tempo em que recusam qualquer abordagem política que tenha em seu bojo; a socialização da economia e que faça crítica ao capitalismo como um sistema totalizante, denunciando a exploração de classes, abordagem essa fundamental para solução das reivindicações das pautas pós-modernas.

REFERÊNCIAS

COLTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. O olhar pós-moderno dos novos movimentos sociais. IN: SEMINARIO LATINOAMERICANO DE ESCUELAS DE TRABAJO SOCIAL, 19,. El Trabajo Social en la coyuntura latinoamericana: desafíos para su formación, articulación y acción profesional. **Anais...** Ecuador: Universidad Católica Santiago de Guayaquil. Guayaquil, 2009. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-019-305.pdf>>. Acesso em 9 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **A Questão da Técnica**. São Paulo, v. 5, n.3, p. 375-398. 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. 7. Ed. Campinas: Papiрус, 2007.

LOSURDO, Domenico. **Nietzsche e a Crítica da Modernidade**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

MARX, Karl, **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo**. Razão e Emoção. 4. Ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso ao ensino superior 148
Ações afirmativas 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165
Alimentação escolar 6, 141, 144, 145, 146, 147

B

BNCC 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 223, 226, 227, 228, 231, 233

C

Carreira 70, 79, 93, 113, 119, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 156, 182, 184, 185
Ciência 40, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 79, 82, 83, 85, 87, 111, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 168, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 214
Ciências humanas 24, 37, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 124, 206
Ciências naturais 43, 44, 50, 51, 164
Classe social 36, 37, 40, 56, 101
Conhecimento científico 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 68, 87, 93
Crise 40, 88, 89, 90, 155, 181, 182, 184, 186, 212, 238, 241
Crise docente 88, 89, 90
Currículo integrado 59, 61, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179

D

Desconstrução 37, 39, 195, 197, 202
Direito 9, 47, 57, 80, 115, 125, 134, 135, 141, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 159, 163, 166, 172, 181, 182, 183, 184, 186, 189, 216
Direito à educação 9, 80, 115, 148, 149, 151
Docente 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 43, 70, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 114, 115, 118, 124, 133, 134, 140, 141, 157, 162, 164, 188, 189, 192, 194, 210, 219, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 231
Documentos do IFPA 168

E

Educação infantil 24, 25, 26, 29, 30, 34, 35, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 159, 196, 201, 204, 205
Educação musical 98, 99, 100, 101, 102, 104, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 221, 222, 252
Educação profissional 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 115, 152, 169, 171, 176, 179, 210
Educação Profissional e Tecnológica no Amazonas 77, 79
Educação superior 11, 17, 21, 78, 79, 80, 87, 95, 106, 147, 154, 159, 183, 186

EJA 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156

Enfermagem 16, 17, 18, 19, 22, 23, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 124

Ensino 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251

Ensino aprendizagem 5, 88, 110, 123

Ensino de arte 195, 205, 206, 216, 233

Ensino superior 11, 12, 14, 17, 18, 20, 35, 81, 90, 94, 96, 97, 113, 116, 120, 122, 124, 126, 148, 150, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 181, 182, 183, 185, 186, 194, 210, 212

Estágio supervisionado 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 98, 99, 100, 101, 103, 210

Estereótipos 158, 184, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

Expressividade 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 119

F

Formação acadêmica 81, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132

Formação continuada 33, 86, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 146, 148, 155, 188, 189, 194

Formação de professores 11, 13, 20, 22, 27, 33, 51, 52, 98, 104, 114, 115, 116, 133, 140, 147, 148, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 188, 205, 209, 211, 216, 226

Formação integral 4, 54, 60, 61, 62, 128, 176, 179, 216

Formação profissional 23, 58, 64, 70, 71, 72, 109, 112, 116, 123, 152, 156, 162, 172, 177

G

Gestão administrativa financeira 1

Gestão compartilhada 1, 5, 8, 9, 10

H

Hora-atividade 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

I

Identidade 9, 10, 20, 21, 22, 30, 31, 35, 36, 41, 94, 97, 112, 119, 131, 179, 181, 184, 185, 186, 222, 225, 228, 229, 232, 242

Integração curricular 54, 60, 61, 62, 176

M

Metodologias ativas de ensino 120, 188

O

Ontopsicologia 181, 182, 184, 185, 186, 187

P

Pedagogia universitária 11, 14, 20, 21, 115, 141, 194

Políticas públicas 61, 65, 70, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 94, 148, 150, 156, 157, 159, 161, 162, 163, 165, 209, 212, 242

Pós-modernidade 36

Professor 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 48, 49, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 124, 125, 134, 136, 147, 149, 160, 163, 166, 170, 182, 183, 195, 196, 197, 199, 201, 203, 204, 206, 210, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 226, 228, 232, 236, 240, 246, 247, 250, 253

Projeto integrador 168, 169, 175, 176, 177

Promoção da saúde 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 147

Publicação científica 77, 81, 83

R

Regulamentações 141

T

Trabalho docente 11, 12, 18, 20, 21, 94, 112, 133, 140

U

Universidade 2, 11, 22, 24, 29, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 54, 64, 87, 88, 91, 96, 98, 103, 105, 107, 110, 112, 117, 119, 120, 124, 125, 133, 140, 141, 148, 153, 155, 157, 162, 167, 179, 183, 194, 195, 197, 204, 205, 206, 209, 212, 213, 215, 223, 224, 239, 243, 253

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-666-9

